

CAPÍTULO VII

A POETIZAÇÃO DA REALIDADE

Os artistas Post, Wagener e Eckhout chegaram na comitiva do Conde de Nassau e registraram cenas e costumes do Nordeste. Eckhout expôs cruamente o canibalismo no seu trabalho, *A Índia Tapuia*. Ela carrega um cesto cingido à testa, de onde emerge um pé e segura o punho decepado de um prisioneiro morto, evidentemente, num festim!

Porém, será em pleno século XIX que inúmeras expedições científicas chegaram para percorrer regiões ainda não de todo exploradas. Na sua maior parte, contavam com o auxílio de entidades governamentais ou particulares, e traziam desenhistas e pintores na comitiva que iriam reproduzir as populações indígenas.

Evidentemente, há um "paralelismo" com os artistas que percorreram regiões do oeste norte-americano e das expedições que recebiam amparo institucional, cuja finalidade era registrar os acidentes geográficos, fauna, flora e as características das populações indígenas. Catlin, Eastman, Bodmer – citando alguns dos artistas-viajantes que se dedicaram à temas indianistas – associaram o silvícola à virtude do "homem natural" o que, em certas circunstâncias, indicava um estado de inocência *paradística*. "Rousseau representou entre nós opinião tão falsa quanto encantadora,



Índia tapuia (1641) levando às costas um cesto com restos humanos (Óleo de Eckhout Museu de Copenhague)



Iracema de Antônio Parreiras. Museu de Arte de São Paulo

do primitivo estado de tais selvagens”, observa Von Martius. “Também eu cheguei à América com impressões preconcebidas semelhantes e vivi durante longo tempo entre os peles vermelhas antes de poder libertar-me de certos enganos que nos são instilados na Europa a partir da adolescência.” Trata-se de um atestado da “visão do homem primitivo” que impregnava o espírito do europeu influenciado por estas idéias, ao sonhar com uma sociedade primitiva, despojada de artifícios e preconceitos.

Mas há, também, uma nítida preocupação de retratar a natureza e a beleza da paisagem. As portentosas montanhas, os vales e os intermináveis desertos, sugerem a imensidão cósmica do Novo Mundo...

Inúmeros autores, ao findar o século XVIII, já tinham apontado a grandeza da natureza e do homem nativo; para alguns, a “fonte” do exotismo. Observou o jovem Chateaubriand que o *Novo Mundo* estava em oposição ao *Velho Mundo*; o *homem da natureza ao homem civilizado* e, em seus romances, encontra sugestivos quadros de cor local, florestas gigantescas – “aussi vieilles que le monde” – rios caudalosos, trinados de pássaros, murmúrio de águas, plantas raras, etc. Harmonias estranhas de uma América “poetizada” no seu primitivismo. Exaltação presente nas páginas de outros romancistas, como Bernadin de Saint-Pierre e Fenimore Cooper.

Com a eclosão da “poetização” do Pacífico Sul, inúmeros artistas europeus expuseram, em suas obras, os nativos como deuses. Belas figuras, num cenário de “parecença” bíblica e do mundo clássico que irão sugerir uma *idade de ouro*; época em que os homens teriam vivido na mais perfeita harmonia e felicidade... Gauguin, no Taiti (que em pleno século XVIII já não era mais uma réplica do Paraíso Terrestre), retratou a simbologia do sentimento paradisíaco com figuras de nativos numa natureza deslumbrante. As cores, segundo ele próprio disse, “explodiam por todos os cantos!”

Em 1816, com a chegada da *Missão Artística*, que não era uma medida governamental isolada, mas uma dentre outras que viria a favorecer a expansão do país (indiretamente), vieram inúmeros artistas. Assim, chegaram ao Rio de Janeiro, cenógrafos, gravadores, litógrafos, miniaturistas que somaram seu trabalho ao de pintores de profissão.

E não foram poucos os viajantes ilustres – Maria Graham, Bounganville, Laplace, Darwin – que por aqui arribaram em longos percursos de circunavegação. Dos pintores, vindos por problemas políticos nos seus países de origem, ou pela atração do desconhecido, somado a um espírito aventureiro, é que se tem o registro de cenas e costumes do país.

A arte litográfica estava em voga e os temas preferidos eram as paisagens e as cenas dos arredores do Rio de Janeiro, capital do país, apesar de retratar com fidelidade o que observavam há fortes traços do pitoresco e do romântico. Similarmente, os artistas observaram os *tipos humanos* onde o negro e o índio avultam-no cômputo da produção por eles legada.

Debret chegou com a Missão Francesa e teve um papel relevante em toda uma geração de artistas acadêmicos. Sua obra retrata cenas da vida familiar, celebrações históricas, comemorações oficiais, e, principalmente, o índio.

“Quanto à história particular dos selvagens, uma circunstância feliz forneceu-me os primeiros materiais: dois dias apenas depois de nossa chegada, foi-nos dado ver indígenas botocudos recém-trazidos ao Rio de Janeiro, por um viajante que me facilitou desenhá-los com cuidado, acrescentando a essa amabilidade informações, tão fidedignas quanto interessantes acerca dos costumes desses índios entre os quais vivera. O acaso levou-me assim a iniciar, no centro de uma capital civilizada, essa coleção particular dos selvagens, que eu devia acabar nas florestas virgens do Brasil.”

Não há certeza se teria ido à algumas aldeias. Suas informações foram, sem dúvida, retiradas das visitas ao Museu Imperial de História Natural e, na qualidade de observador, das inúmeras delegações indígenas que ficavam abrigadas nos galpões do Campo de Santana. Elas enriqueceram as coleções do acervo imperial somando-se os presentes ofertados pelos silvícolas ao Regente. Este registro iconográfico, um dos mais importantes tem, nas palavras do próprio Debret, a confirmação de que... “todos esses documentos históricos e cosmográficos, consignados em minhas notas e desenhos, já se achavam ordenados no Rio de Janeiro, quando foram vistos por estrangeiros que me visitaram. Suas solicitações me encorajaram a preencher algumas lacunas, a fim de compor uma verdadeira obra histórica brasileira.”

O material artístico é passível de críticas, apesar de Debret ter afirmado que sua produção era... “uma descrição fiel do caráter e dos hábitos dos brasileiros em geral.” Na prancha *Bugres da Província de Santa Catarina*, as figuras não acompanham a indicação do título, já que os silvícolas se parecem mais a figuras da mitologia greco-romana e os traços étnicos divergem da característica somática indígena.

CAPÍTULO VIII

HOMENS E MULHERES LIVRES, NUMA TERRA LIVRE

Sem dúvida que uma das expressões mais características do romantismo é o *indianismo* que vai despontar no momento em que o nacionalismo literário, alicerçado no patriotismo, se intensifica nos movimentos pré-independência. O índio é o representante do “homem livre numa terra livre”...

Por que o indígena não foi escravo? As causas não importam, vale por si a constatação do fato. O nativo não se conformou à escravidão, fugiu, já que era incapaz de ajustar-se ao trabalho servil, além da pouca resistência às doenças do homem branco.

Os relatos de viagens seiscentistas registram informações à respeito das regiões descobertas do Novo Mundo; citações sobre a fauna e a flora, e prolixas descrições das populações nativas, livres das imposições e dos conceitos preestabelecidos – comuns na sociedade européia da época – que virão a ser o germe das idéias presentes na teoria do “bom selvagem.”

Os frades capuchinhos d'Abbeville e d'Evreux comentaram a liberdade dos “selvagens”, a beleza dos seus corpos “nus e formosos”, comparando-os aos clássicos gregos. Descrevem a ida de silvícolas tupinambás à Corte do Rei Luís XII, no ano de 1612 que, ao retornarem, após uma